

O DE AVEIRO

ASSIGNATURAS
Pagamento adiantado
Portugal e Hespanha, anno 13300;
semestre 650; Colónia portu-
guesa, 25000 ou 13300 pagos
em Aveiro; Extrangeiro, ex-
ceptuando Hespanha, 25500 for-
tes.

Numero avulso 20 reis

Redacção e administração
Rua d'Arnellas, Aveiro

SEMANA RIO INDEPENDENTE

Proprietario, Director e Editor **HOMEM CHRISTO**

Portugal na Guerra

Escreve-me, um padre, dos que estiveram comigo, proscriptos, sobre assumptos da administração d'este periodo, que não tem interesse nenhum para os leitores embora sejam parim de agradecer. E, a propósito, dizendo palavras que me honram, escreve: "Ainda que sob o ponto de vista politico um abismo incommensuravel nos separe, porque V. é um varão republicano, profundamente sensato, pois bem se conhece que só deseja acertar e que os outros, acertem, e eu sou um devotissimo monarchico, sem valor nenhum, e verdade, mais do que deal e dedicado como não quero que o possa haver mais, contudo sou de V. amigo, e admirador, porque pela leitura do seu apreciavel jornal vejo em V. um Portuguez ás direitas, um Portuguez, que, se todos os portuguezes assim fossem, ficaria verdadeiramente assegurada a salvação da nossa Patria. Que Deus, pois, conserve e proteja sempre a V."

O signatario feriu a nota verdadeira, fazendo sobreleva a questão patriótica. Eu sou republicano, certo. Mas a maioria dos bandidos que estão dentro da republica é que não tem nada de republicanos, como a maioria dos bandidos, que estão dentro da monarchia não tem nada de monarchicos. Independente d'esse bandidismo infame, que é a morte do paiz, eu nunca fiz das formas de governo, nem faço, questão essencial. Em these preferi a república democratica. Mas se necessidades de educação, de organização, de temperamento, de oportunidade, de modo de ser occasional da politica interna ou externa impusessem, parabem do paiz, a monarchia, eu nada teria que oppor ao regimen monarchico.

Esta foi sempre a minha doutrina, estas foram sempre as minhas palavras, que apoiem factos. Como eu não sou um ambicioso nem um avaro, e como o fundo do que ali fica dicto abrange toda a orientação de um homem sincero, intelligente e patriota, jamais tirei que variar. As modificações do meu jacobinismo não alteram em coisa alguma o meu modo de ser, as minhas convicções, as minhas crenças, como, por exemplo, na questão religiosa. Ao contrario, só hoje sou verdadeiramente republicano, e verdadeiramente democratico, porque a república e democracia nunca quizeram, dizer tolerancia, brutalidade, perseguição tyrannica, sectarismo odioso.

Quando o partido republicano se fundou, o partido republicano era uma necessidade. Não só correspondia a uma corrente d'ideias, estabelecida no paiz, senão que as politicas monarchicas o tornavam indispensavel. Mas necessario, mas indispensavel, para corrigir e educar. Para ser um grupo de bandidos como os outros, e como grupo de bandidos se limitava ao tiro-fuzil para me por eu não vinha a fazer nada. Isto é, vinha, sim, vinha fazer alguma coisa, como veio. Vinha desmoralizar ainda mais o que já estava desmoralizado, tornar maior esta desordem, esta anarchia, este chaos.

Houve um republicano que desde o primeiro momento da sua vida politica, que dura ha 37 annos, combatu essa tendencia funesta. Foi eu. De combate em combate as immoralidades republicanas, combate que foi constante, cheguei aos mais formidaveis ataques. Eu tinha a convicção profunda de que a republica, no estado em que se offereciam os republicanos, havia de ser um desastre. Os republicanos estavam então como estão agora os monarchicos. Não os guiava nenhum objectivo nacional. Nenhum desejo de moralização. Nenhum espirito de séria reforma. Não estavam possuídos de nenhuma sinceridade. Hypocritas, bandidos, tudo n'elles era falso, tudo n'elles era mentira, e todas as suas aspirações, e todos os seus planos de reforma se resumiam em deitar abaixo os monarchicos para satisfazerem, por seu turno, torpes desejos de barragem e de validade, tripudiando, como os outros, sobre as desditas d'esta patria malaventurada. Morri a essas bandadas uma guerra feroz, uma guerra implacavel. Não estou arrependido. Se eu disputasse, entre tanto imbecil ploroso, as palmas da gloria, diria mesmo que essa era uma das minhas glorias. Como em coisa nenhuma me quero confundir com imbecis e traidores, direi apenas que se tenho prestado alguns servicos a esta terra esse é um dos mais assignallados. Guerra feroz, guerra implacavel, mas toda ella de justiça e de verdade.

Porém eu não ataquei os bandidos republicanos para servir os bandidos monarchicos. O horizonte d'uns e d'outros é tão curto, que não veem senão o horizonte da gamella, como o porco. E assim não comprehendem, servico algum fora da sua infame moral partidaria.

Eu não ataquei os republicanos para servir os monarchicos. Como se aproveitaram estes do meu formidavel combate, que, além do espirito moral de castigar avarias, só tinha um fim politico, o de demorar a ascensão dos republicanos, a ver, se os desastres e o tempo os ensinavam? Como se aproveitaram elles d'esse formidavel combate? Praticando, ineptias, sobre ineptias, traições, sobre traições, crimes sobre crimes, até deixarem cair na lama a monarchia de uma fôrma miseravel.

Como se regeneraram, como se emendaram na desgraça? Sabem? Não como eu o autor da carta que provoca estas linhas. Eu vi no exilio, e lá tive conhecimento perfeito de

que que passava em Portugal, a falta de crenças, a falta de honra, mais escandalosa, a imbecilidade maior, a corrupção mais profunda, o espectáculo mais triste que a minha intelligencia e a minha consciencia, tão acostumadas já a decepções, se podia deparar. Ainda não o disse, senão assim, pelo alto, de forma vaga, mas hei de conta-l'o um dia, já o prometti, como minuciosidade. E pois que eu não tinha atacado os bandidos republicanos para servir os bandidos monarchicos, immediatamente a estes, como aquelles fizera, os castiguei. Missens d'ahi para mim as decepções, os prejuizos ou os perigos que viessem. Castiguei-os, sem descanso, e nem concessões com ninguém. Primeiro, verbalmente, perante os marchões e toda a gente com quem falava. Depois por escripto, ás vezes com tanta ardência como antes com os republicanos. Ahi está a collecção do *Povo de Aveiro no Exilio* para o provar. Esse dever cumpri-o eu, que nunca andei na vida publica para especulativo, e devia-o á minha sinceridade.

Depois veio a guerra europeia e só então se abriu um abismo entre mim e os monarchicos. Não os monarchicos da qualidade de autor da carta que hoje me deu o assumpto d'este artigo, mas os bandidos que usam etiqueta monarchica. Eu estou dando estas explicações para dizer que não ha, nunca houve, abismo algum entre mim e a monarchia ou entre mim e a republica. Consequentemente nunca o houve entre mim e os republicanos e monarchicos sinceros, que os ha. Toda a minha incompatibilidade foi e é com os bandidos, os arranjistas e os scarios das quadrilhas republicana e monarchica. Fosse os monarchicos honrados e patriotas, constituissem um partido digno de nome, e eu não hesitaria em preferir uma monarchia garantindo-nos a moralização dos processos governativos e dos costumes, e a ordem e a liberdade, a república simultaneamente oligarchica e democratica que desde o 5 de outubro para ali tem impellido. Mas desde que os monarchicos, os partidarios, não falo dos que andam fora dos partidos, se tornaram vis e abjectos, levando a buxica e a vilania até á propria traição á sua patria, logo seria eu e vi como elles, se não clamasse bem alto: *Mal por mal, antes Pombal!*

Ha monarchicos patriotas e muito dignos, bem o sabemos. Se os não houvesse, que calamidade! Mas constituem uma pequena minoria, e inutil nega-lo. Apello para a consciencia dos monarchicos honestos. Livres de todas as paixões e de todos os interesses, elles, que dizem, se isto é ou não verdade. De resto, eu vi-os, nos pulhas, eu ouvi-os, dentro e fora de Portugal. E eu leio-os, nos seus periodicos. Ora é bem certo que mais depressa se apanha um mentiroso que um coxo. Debalde os jornaes monarchicos se cançam a apregoar os seus sentimentos patrióticos. Excepcionalmente o *Diario Nacional*, o que tudo n'elles denuncia, os seus sentimentos germanophilos.

Esta infamia chega a ser inconcebivel, não cessarei de o repetir, á força de estupidez odiosa. A Alemanha levava-nos tudo, ninguém tem duvidas a esse respeito. O seu triumpho era a perda de tudo para nós. Como ha gente que, apesar d'isso, queria que ella triumphasse? Eu continuo a apellar para a intelligencia e consciencia dos proprios monarchicos honestos e dos proprios catholicos. Ha miserveis que, dizendo se catholicos, são, tambem, germanophilos. Dizem, catholicos sinceros e honrados, são admiraveis esses canchais? Tem crerem, esses homens? Tem brio? Tem dignidade?

O proprio Senhor D. Manuel rejeitava a coroa, digo-o porque o sei, n'esses casos. Então, que monarchia restauravam os miserveis? Perdidas as colonias, perdida a Madeira e os Açores, a guerra com a Hespanha ainda por cima era fatal. Andar-se para ali a gritar horror á guerra e nem se repara que a guerra, em todos os casos, era inevitavel. Assim, nós mandamos quarenta mil homens para o campo da batalha. Com os que vão preencher as vagas, podemos contar sessenta mil homens. Ora com sessenta mil homens em acção nós temos todas as probabilidades de ganhar. Ganhemos a conservação das nossas colonias, a integridade do territorio nacional. Ganhemos a affirmativa definitiva da nossa independencia peninsular. Ganhemos um logar honroso entre as nações da Europa. Levantamos o nosso nome, que andava pelas lamas arrastado. Impomos-nos, enfim, o que tão necessario era, como um povo digno, valente e corajoso, numa luta que arrasta todo o mundo, e cujas consequências são, por todos os motivos, momentaneas. Se a Alemanha venesse, e nós ficassemos neutraes, como pretendiam os germanophilos, perdiamos as colonias, perdiamos os Açores e a Madeira, ficavamos desmoralizados, e a guerra com a Hespanha era fatal, guerra sem esperanças, d'antemão perdida, sujeitos ás terriveis invasões, e em que tinham de entrar, não sessenta mil homens, mas quinhentos ou seiscentos mil, embora sem preparação militar. E a guerra com a Hespanha era fatal porque eu não creio que o paiz se sujeitasse a abdicar diante d'ella a sua independencia sem primeiro se revoltar.

Outra vez o digo: chega a ser inconcebivel tanta infamia, á força de estupida e odiosa.

E tudo para quê? Para ser derribada a republica do sr. Affonso Costa!

Não era já para que a monarchia fosse restaurada. O Senhor D. Manuel não aceitava a coroa, manifestamente, ficando Portugal sem as colonias, sem a Madeira, sem os Açores e vassallo da Hespanha, se a Hespanha miseravelmente nos quizesse deixar essa ficção de independencia vergonhosa. Quem vinha substitui-lo? De Miguel? Um principe allemão? Um principe hespanhol? Com que autoridade ficavam os monarchicos portuguezes em face d'esse ignominioso simulacro de restauração monarchica? Não era já para que a monarchia fosse restaurada? Tanta infamia e tanta vergonha e tanta estupidez para quê? Para dar xingança dos republicanos? Não, meu amigo, meu compatriota, victimado como eu da tyrannia do sr. Affonso Costa. Nós fomos proscriptos. Nós, os onze! Eu tinha, mais razão para me queixar do que ninguém, porque como o meu amigo reconhece, eu sou, e sempre fui, republicano. Ao menos os outros eram monarchicos. Mas eu... era republicano! Eu, antigo membro do Directorio, com Manuel de Arriaga que acaba de morrer, com Theophilo Braga, com Jacintho Nunes, com outros verhos... visionarios. Eu, a quem a propaganda republicana, a causa da democracia e da educação publica deviam alguma coisa n'esta terra! Mas, nunca seria eu, que compraria a vingança por um preço tão infame. Portanto, não ha abismo nenhum, nem grande nem pequeno, nem commensuravel nem incommensuravel, a separar-me da monarchia ou dos catholicos e monarchicos patriotas e honrados. O abismo... é entre mim e os traidores que se dizem germanophilos. E todos os quadrilheiros monarchicos e republicanos que desgracaram, se desgracaram, que deshonraram e deshonraram a patria, eu não os habilito a se aliar.

Esse, sim, que é profundo, que é largo, qual é immenso, para o qual não ha pontes de passagem!

Homen Christov

Manuel de Arriaga

Na impossibilidade de escrever um longo artigo sobre a morte do primeiro presidente da republica portugueza, limitamo-nos a consignar que Manuel de Arriaga foi um dos poucos chefes republicanos serios e honestos que conhecemos. Manuel de Arriaga teve em alguns períodos relações de certa intimidade com quem escreve estas linhas. Veio a Aveiro, a nosso pedido, tomar parte em todos os comicios que em 1888 aqui se realizaram a propósito da questão das irmas da caridade. Veio em 1889 assistir á inauguração da estatua de José Estevão. Assignou conosco e com Alves Correia a celebre circular de 1890 contra o directorio do partido a qual presidia então José Elias. Foi eleito, como nosco, Theophilo Braga, Jacintho Nunes, Bernardino Pinheiro e Azevedo e Silva, membro do Directorio em 1891. E ainda em 1908 assistimos ao almoo que lhe foi offerecido em Aveiro. Por signal que, falando-nos dos republicanos, elle nos dizia n'esse almoo, facto que ainda ante-hontem nos era recordado por um dos convivas: *Você é que os conhece como ninguém.*

Sempre reconhecemos em Manuel de Arriaga, além dum grande espirito republicano e democratico, um grande fundo de honradez. Era um homem sério e de bem as direitas, e bondoso, sem que esse traço de bondade, lhe tirasse a energia contra os traidores. Elle detestava os traidores do partido republicano. Se não levou a energia contra elles, por isso deixou de a manifestar algumas vezes. Eu não conheci, mesmo, nenhum outro chefe republicano que a manifestasse tanto como elle. Não fez o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez um esforço com Pimenta de Castro, para arrancar a republica á influencia das daminhas colonias. Se o não conseguiu, a culpa não foi sua. Pimenta de Castro, é que fallou, por elle, e o que eu fiz. Mas tambem não ficou systematicamente indifferente, nem passivo como todos os outros. Devesse essa justiça ao seu nome. Ainda ultimamente elle fez

Mas ninguém lhes conhece um projecto de que se possa dizer *benza-le Deus*. Mas por mais que se busque e rebusque não se encontra um estudo perfeito, nem imperfeito, quanto mais perfeito, sobre qualquer das grandes questões nacionais. O que se encontra é a *vergonha das notícias políticas do Jornal de Notícias ou da nota política do Primeiro de Janeiro*. E' a coscuvilhice nojenta, é a piada reles, é a calúnia soez, é a intriga de bordel. São todas as manifestações grosseiras da escoria d'esta raça, que infelizmente nunca se distinguiram pela elevação intelectual.

O que se encontra é a falta de sinceridade e de abnegação, de pensamentos ou gestos largos, é o amor do interesse vil, a ganancia, a sordida avarizia, o espirito de ladroeria levado a extremos de *chicote*, esse espirito pavoroso que é outro dos apanagios d'esta raça.

Vede a questão das subsistências. Na questão das subsistências *todo o mundo* se atira ao governo e *todo o mundo* aproveita a dificuldade das circunstâncias para roubar. Roubo, que não tem outro nome! Roubo escandaloso, afrentoso, descarado, descabellado. De bradar aos céos. Que chega a ponto dos ladrões increparem como caluniadores, com arreganho e entono, os que os accusam de roubar. E' verdade que isso é processo e habito antigo de ladrões. Contudo o impudor nunca chegou ao ponto a que o levou a *Lucta* n'outro dia, como vimos no numero passado, vindo fazer gala da declaração do sr. Antonio Maria da Silva, que na camera dos deputados imbecilmente confessou que os moageiros nunca tinham comprado o trigo por preço superior ao da tabella!

Esse sr. Antonio Maria da Silva não nasceu, positivamente, para homem de estado. A fazer asneiras, chega a metter dó. Mas o que é verdade também é que elle se volta para todos os lados á procura da *idéa salvadora* e não encontra senão tratantes e parvos. Pela questão do pão, base das subsistências, afere-se á justa *toda a capacidade* intelectual e moral do poder legislativo e executivo, dos orientadores nacionais, das classes dominantes, e até das classes dominadas. Pode-se dizer, á antiga usança, de clero, nobreza e povo. Todos pretendem explorá-la em seu proveito, e, sendo tão simples, *quasi todos* a ignoram. O ministro anda ali, o pobre homem, n'um jogo d'empurro miseravel. Se quer fugir dos lavradores, espeta-se na *Manutenção Militar*. Se quer fugir da *Manutenção Militar*, um poder absorvente, com todos os preconceitos, todas as prosapias, todas as opiniões preconcebidas, *todas as immoralidades* e todos os empenos da burocracia dominante, machina pesada de mil rodas que custam a mover, espeta-se nos lavradores. Se, chama os moageiros, não lhe apparecem moageiros, apparecem-lhe ciganos, que trazem a soldo mais burocracia encarregada de os fiscalizar, e esses ciganos procuram logo dispor as coisas de forma a locupletarem-se. Se se dirige ás associações de classe, as associações de classe só sabem chamar ladrões aos moageiros e aos padeiros. E' toda a sua sciencia da questão. Se procura os theoreticos da sciencia economica, os theoreticos da sciencia economica fazem-lhe leis impraticaveis. E assim anda, e assim andamos todos nós.

E assim andamos todos nós! Só ha uma coisa em que é merito o português: é a má lingua, é a intriga, é a coscuvilhice, é a ganancia, a ambição porca, a vaidade sem limites e a inveja.

Comprehendiam-se, pois, que o governo fosse auxiliado, que o governo fosse intelligentemente criticado, ou, até, e houvesse homens n'esta terra, que fosse derribado. Mas não havendo meio de o substituir por aquelles que o combatem, pois tal substituição daria lugar á situação peor, muito peor, que temos definido, não offerecendo os que o combatem, que não offerecem, garantias nem de mais moralidade, nem de mais capacidade, nem de mais patriotismo, não esclarecer o publico sobre as grandes questões pendentes, não criticar intelligentemente, e no sentido da verdade e do bem publico, os actos do governo, e tentar apenas desmoralizar, mais do que elle está, perverter, o sentimento publico, ter em vista *unicamente* augmentar este chaos já enorme do desvarramento dos espiritos, desorientar o que já anda tão desorientado, anarchizar o que já está tão anarchizado, para que os pescadores melhor pesquem nas *aguas turvas*, é isto na hora de tremenda crise que atravessamos, sem respeito, sequer, pelos gemidos dos feridos prestes a cahir no campo da batalha, pela dôr já tão viva e em breve coberta de crepes das mães que ficam, das esposas, das filhas, dos irmãos e dos paes, é, francamente, de os... *correr a tiro!*

Que diferença fazem estes facinorosos, estes scelerados, estes sicarios, dos bandidos que seguem os exercitos, ou seguem em tempos idos, para roubar os mortos e os feridos cahidos no campo da batalha? São mais infames e mais vis. E' preciso que a opinião publica se manifeste por todas as formas contra esses miseraveis. Este não era o castigo. O castigo era *correr-los a tiro* ou enfi-

forca-los. Mas desde que a brandura dos costumes o não permite, que a opinião publica, ao menos, imponha temor e respeito, e n'elles não ha respeito sem temor, aos bandidos.

E' um espectáculo hediondo, que não se nota em nenhum outro paiz em guerra. Em que paiz se vê isto? Na França? Na Inglaterra? Na Belgica? Digam lá! Descubram, se são capazes, *uma vileza como esta*.

Abaixo os canalhas!
Fóra os bandidos!

"O De Aveiro,"

Vende-se na Figueira da Foz na Tabacaria Malafaia.

OS JESUITAS

Oliveira Martins, na questão do ensino, segue passo a passo D. Antonio da Costa na sua *Historia da Instrução Popular em Portugal desde a fundação da monarchia até aos nossos dias*. E já que falamos n'este auctor e na sua obra, seja-nos permitido pôr em relevo mais uma contradição flagrante dos historiadores portugueses. Contradição e acto de má fé. D. Antonio da Costa, a pags. 82 da 2.ª edição da obra já citada, diz:

Se isto foi assim no tempo de um rei português, comquanto mais razão deixaria de o ser no subseqüente período da dominação castelhana? Aos Filippes deparava-se, na *influencia jesuitica*, uma arma excelente para a *segurança do throno*, razão confirmada pela reforma da universidade de Coimbra por Philippe III, tendente a annullar a instrução essencialmente portuguesa, acrescentando ainda o ter o mesmo Philippe III, em 1610, pretendido supprimir em Portugal todas as escolas, excepto as duas universidades de Coimbra e de Evora, o que também demonstra a importância d'esta ultima.

Vimos no artigo aqui publicado em 10 de dezembro, n.º 39, que Oliveira Martins escreve na sua *Historia de Portugal* (tomo segundo, pags. 99, 8.ª edição) que «filho amado, seu Paragay da Europa, a *Companhia* reconheceu por fim que não lhe convinha ver Portugal agrihoado á vizinha Hespanha. Por fim! Portanto, ainda ali Oliveira Martins vai nas peguadas de D. Antonio da Costa insinuando—aquelle di-lo claramente—que os jesuitas foram instrumento da dominação castelhana. Isto é bêteira, absolutamente provado o contrario. E, contudo, teima-se na insidia! Pinheiro Chagas, seguindo Rebello da Silva, o nosso velho historiador sobre o período da incorporação de Portugal na Hespanha, escreve, como vimos no n.º 38 d'este seminario: «E devemos dizer em honra dos jesuitas que, bem longe de favorecerem a invasão de Philippe II, não teve o monarcha hespanhol mais tenazes inimigos.» Mas como seria um sacrilegio dizer uma verdade em favor dos jesuitas, immediatamente procurou tirar-lhe o effeito, acrescentando: «Não entrava n'isso decerto pensamento patriótico, mas Philippe II, monarcha essencialmente inquisitorial, não era affeição á *Companhia* e esta preferia uma soberana docil como D. Catharina a um rei desaffeiçãoado e poderoso.» D. Antonio da Costa e Oliveira Martins, esses não se quizeram dar ao trabalho de desmentir os factos com as intenções: os jesuitas foram instrumentos da absorção castelhana, *uma arma excelente para a segurança do seu dominio*, e só por fim reconheceram que não lhes convinha Portugal agrihoado á vizinha Hespanha. E' caso para se dizer: *Vão lá ser juiz com taes merdórios!*

Mas é em tudo assim, como temos dicto. «Havia já tres annos—palavras da transcripção aqui feita no penultimo artigo de um trecho da *Historia de Portugal* de Oliveira Martins—que os jesuitas tinham transformado em Universidade o seu collegio de Evora, por não poderem apropriar-se de Coimbra». Mas como foi que elles se não puderam apropriar de Coimbra, se o mesmo Oliveira Martins nos diz que a *decidida protecção da corôa breve lhes confiou o monopólio do ensino*?

A paginas 95 do tomo segundo da *Historia de Portugal*, escreve Oliveira Martins:

«Em 1542 funda-se o collegio de Coimbra, logo depois o de Sautins, no Minho; em 1554 o cardinal D. Henrique, depois rei, fundou o de Evora; em 1560 abria-se o do Porto; e ao cabo de vinte e cinco annos, depois da introdução da *Companhia*, os seus collegios estavam espalhados por todo o reino. Não bastava, porém, collocar ao lado da antiga instrução, o novo methodo: a *Companhia* não queria concorrer apenas, queria dominar absoluta. Enquanto o não conseguia, lutava combatendo contra as ordens monasticas que se queixavam de que os jesuitas lhes roubavam os moços mais intelligentes, espalhando emissários pelo reino a arrebanhar discipulos, reduzindo o preço das matriculas, etc. A *decidida protecção da corôa*, porém, breve lhes confiou o *monopólio do ensino*. Em 1555 D. João III entregou-lhes o Collegio das Artes de Coimbra, onde se estudavam os preparatorios da Universidade, prohibindo que os alumnos *ouvíssem*, nas faculdades de Direito e de Canones, sem a certidão de exames no Collegio. Em 1559, por fim, não conseguindo confiscar a Academia de D. Diniz, transformaram o collegio de Evora em Universidade,

Chicoria

O sr. ministro do fomento vae publicar um decreto, diz-se, restringindo certas culturas.

Então não se esqueça da chicoria, meu amigo! Esta cultura prejudicou a cultura do milho enormemente. Andamos para publicar, e só não o temos feito por falta d'espaço, um artigo sobre isso ha muito tempo.

A chicoria, sr. Fernandes Costa, a chicoria! Não é de chicoria que nós precisamos, é de pão para comer.

Veja lá se não se esquece d'isso, sr. ministro do fomento!

para bafer Coimbra, e o exito correspondeu ao proposito: em 1660 Evora doutorava 248 alumnos e 404 cincoenta annos depois.

Ora se a decidida protecção da corôa lhes confiou, como de facto confiou, o *monopólio do ensino*, se elles estavam senhores do Collegio das Artes, como na verdade estavam, de facto tinham confiscado a Academia de D. Diniz e não precisavam da universidade de Evora para bafer Coimbra.

D. Antonio da Costa, que é, n'este ponto, o informador de Oliveira Martins, diz-nos, a pags. 77 da obra já citada:

O collegio das artes com a direcção de todas as escolas de humanidades foi entregue por D. João III aos jesuitas em 1555. Isto já era muito, mas não era tudo. A docilidade do rei dobrava-se facilmente aos afagos da sua filha predilecta. Outra disposição completou a primeira. O alvará de 13 de agosto de 1561 (da rainha D. Catharina) prohibiu que os estudantes se matriculassem nas faculdades de canones e de leis na universidade de Coimbra, se não apresentassem certidão do collegio das artes. A *universidade, o ultimo reducto e o mais fortificado, ficava d'este modo enfeudada aos jesuitas*.

Mas se a docilidade do rei se dobrava facilmente aos afagos da sua filha predilecta, se a docilidade da rainha D. Catharina ainda era maior, e era, e se a academia de D. Diniz ficava enfeudada aos jesuitas, não precisavam estes de crear a universidade de Evora para vencer a de Coimbra, como D. Antonio da Costa tanto se esforça por demonstrar.

Quizeram os jesuitas ter n'uma universidade propria a chave mestra da companhia, o seu quartel general, contra a universidade de Coimbra. Emponham-se durante dois seculos uma luta gigante, em que ficou debaixo Coimbra, mas sem consentir que a sua rival governasse sozinha. N'este ponto a companhia encaraou-se n'um principe poderoso, e a universidade de Evora tornou-se a *idéa fixa* d'esse principe. Cardeal, regente, rei, em todas as posições, foi D. Henrique o sustentáculo d'aquelle estabelecimento. Contra todos os obstaculos lutou e todos os obstaculos vendeu. Não parecia uma simples convicção que lhe movia o intento; mas uma paixão que lhe seduzia o espirito. Fundador do collegio de Evora no anno de 1551, logo o tomou o desejo de converter o collegio n'uma universidade que *pudesse competir com a de Coimbra*, diz ingenuamente o celebre chronista da companhia. N'estas seis palavras, n'esta singela declaração encerra-se a historia da universidade de Evora, a sua origem, organização e resultados.

Que *pudesse competir com a de Coimbra* em sciencia, em valor instructivo e educativo, em reputação, em fama, em resultados uteis para todos e em particular para a influencia jesuitica. Mas que crime havia n'isso? E como concluir d'ahi que a *Companhia* pretendia anniquillar a universidade de Coimbra?

O celebre chronista era Balthazar Telles, que escreveu a *Chronica da Companhia de Jesus*. D. Antonio da Costa cita o muitas vezes. Mas logo se esqueceu—é esta a imparcialidade de todos os escriptores portugueses—do que elle diz a pags. 610, parte 2.ª, da chronica referida. Ahi conta que pretendendo a regente D. Catharina, durante a menoridade de D. Sebastião, que os jesuitas tivessem a seu cargo as cadeiras de theologia na universidade de Coimbra, o Padre provincial, Miguel de Torres, recusou, allegando que não faltavam ás outras ordens religiosas homens abalisados para isso.

Note-se que o interesse d'este ponto consiste apenas em demonstrar de novo a paixão, a parcialidade, a má fé dos escriptores portugueses, que, sendo geraes, sobretudo se accentuam ao tratar-se de jesuitas. De resto, não ha duvida nenhuma de que os jesuitas dominaram *tudo o ensino*. Mais um motivo para que elles não pretendessem anniquillar, mas *apoderar-se* da universidade de Coimbra. Fizeram aqui o que fizeram e ainda hoje fazem em toda a parte quando podem: crear uma universidade exclusivamente sua, dando-lhe o brilho e o esplendor possiveis. Mas não seriam tão estupidos, —a mania que esta gente tem de chamar intelligentes aos jesuitas attribuindo-lhes ao mesmo tempo actos estupidos,—que, podendo dominar em duas universidades, quizessem ter só uma.

Portugal não constituiu de modo algum uma excepção na Europa, como pretendem D. Antonio da Costa, Oliveira Martins e tantos outros. Já mostrámos

n'um artigo anterior que o numero dos estabelecimentos de ensino jesuiticos era proporcionalmente maior na França, na Italia e em Hespanha. Esse ensino era essencialmente catholico, era e é, dentro do objectivo da Companhia. Aceito pelo espirito da epocha, e sendo o capitulo mais importante do programma da Ordem, havia de se tornar, como se tornou, absorvente. E, n'esse caso, ou elle bestializou todos os povos da Europa, ou não foi a causa da bestialidade portuguesa. Ora os escriptores mais insuspeitos, d'Alembert, por exemplo, attestam os seus resultados excellentes. Escreve d'Alembert, a pags. 42-43 da sua obra *La destruction des Jésuites*:

Louis XIII qui régna après Henri IV, ou plutôt Richelieu, qui régna sous son nom, continua de favoriser les Jésuites; il pensait que leur zèle et leur conduite régulière serviraient tout à la fois d'exemple et de frein au clergé, et que la permission d'enseigner qu'on leur accordait et dont ils s'acquittaient avec succès, serait pour les Universités un objet d'émulation.

Ce grand ministre ne se trompait pas. On ne peut disconvenir que les Jésuites, et surtout ceux de France n'aient produit un grand nombre d'ouvrages utiles pour faciliter aux jeunes gens l'étude des lettres, ouvrages dont les Universités mêmes ont profité.

Ajoutons, car il faut être juste, qu'aucune société religieuse, sans exception, ne peut se glorifier d'un aussi grand nombre d'hommes célèbres dans les sciences, et dans les lettres... Les Jésuites se sont exercés avec succès dans tous les genres, éloquence, histoire, antiquités, géométrie, littérature profonde et agréable; il n'est presque aucune classe d'écrivains qu'elle ne compte des hommes de premier mérite; elle a même eu de bons écrivains français, avantage dont aucun ordre ne peut se glorier.

Resumindo, isto quer dizer em português que Richelieu, ministro de Luis XIII, continuou a proteger os jesuitas, e que fez bem, já para os converter em freio dos padres, já para com elles os estimular, já para servirem, no ensino, de emulação ás universidades. Acrescenta que nenhuma outra ordem religiosa se pode orgulhar de ter produzido tantos homens eminentes nas sciencias e nas letras.

Muito mais tarde, outro homem de sciencia, o illustre chimico Chaptal, que foi ministro de Napoleão I, dizia no seu *Rapport et Projet de loi sur l'Instruction publique*:

L'établissement de la Société des Jésuites a donné aux sciences et aux lettres un appui dont elles avaient manqué jusqu'alors. Les méthodes d'enseignement se perfectionnaient par les leçons d'une expérience journalière; les collèges que cette société multipliaient présentaient partout des moyens faciles à tous ceux qui voulaient s'instruire, et de tous ces foyers d'étude et de lumière, on vit sortir cette étonnante génération d'hommes éclairés qui a mérité à son siècle le nom de siècle des talents et des lumières.

Isto quer dizer que os collegios que a *Sociedade de Jesus* multiplicou deram por toda a parte meios facéis, a quantos se quizeram instruir, de o fazer, e que d'esses focos d'estudo e de luz sahiam uma geração espantosa de homens esclarecidos que merecem ao seu seculo o nome de seculo dos talentos e das luzes.

Só em Portugal... deu burros. Razão tem o padre Gonzaga de Azevedo, para escrever no livro já citado:

Portugal decaiu, apesar da Companhia, pois os jesuitas não fizeram o milagre de transformar os costumes e a indole nacional. Sanctificaram muitos individuos; mas a gangrena continuava invadindo o corpo da nação. Só a Deus pertence violentar as leis da vida e proferir ante os cadáveres o *Lazare peni forces*.

E' certo. O que o berço dá a tumba o leva.

Deem-lhes fadinhos. E paio com favas regado a carraseão. E... *meninos às meninas e meninas aos meninos*. Mas temos conversado a respeito de prazeres moraes e intellectuaes e de obras superiores do caracter ou da intelligencia.

E' fructo prohibido. Mais ou menos foi-o sempre, n'este paiz desditoso.

EM COIMBRA

Recebemos a carta que se segue:

Ex.º Senhor,

Ainda bem que V. Ex.ª deu ouvidos ás minhas palavras. Nem outra coisa era de esperar de quem tão patrioticamente tem procedido desde a declaração da guerra. Cabe a V. Ex.ª a honra de ter sido o unico jornalista que tem subido cumprir o seu dever. O resto tem sido uma banda lheira. Us, são germanofilos; outros passam o tempo com a intriga politica, sua arma predilecta, lançando cada vez mais a desorientação no espirito publico, quando tão preciso era orientá-lo no sentido patriótico em que V. Ex.ª o tem orientado.

A carta que V. Ex.ª recebeu de Coimbra, dá uma idéa approximada do que é esta academia coimbrã, que outrora estava sempre na vanguarda de todas as idéas nobres e elevadas, e que hoje se resume a uma sacia de poltrões, de bebados, de balotoiros e de traidores.

Tirando meia duzia d'ellos, o resto é uma choldra inqualificavel, que envergonha o paiz que lhe foi berço!

Al de Portugal, se um dia é dirigido por estas elites de degenerados, que renegam o santo amor da Patria e chasqueiam, com ditos soezes aquelles que conservam com toda a pureza o amor pela sua terra! Quantas vezes fujo d'elles para não os ouvir!

Se eu sou dama intolerancia feróz em materia de patriotismo!

Adoço, mesmo, quando ouço ultrajar a minha Patria. E que no recanto do paiz onde nasci, os Paes costumam, casinar aos filhos que devemos amar a Patria acima de tudo, collocando a acima de todas as paixões e sentimentos. Foi esta a educação que recebi e que me manteve intransi-

gentemente através desta atmosfera de traição que se respira em Coimbra. V. Ex.ª não imagina o esforço heroico que é preciso fazer-se, a fé inabalavel de que precisamos estar revestidos, para fazermos a nossa passagem por Coimbra sem nos deixarmos contagiar pela campanha germanofila que presentemente por aqui se faz. A academia é germanofila, excepção feita de poucos.

Dessejam com ardor a victoria da Alemanha, não se lembrando, os infames, que já portugueses morreram ás mãos dos alemães, e que, dentro em pouco, os nossos heroicos soldados se baterão com as hostes germanicas. Sempre os traidores foram enforcados, mas em Portugal glorificam-se e deixam-se andar á solta. Só o povo humilde, que tão mal tem sido tratado, só o povo comprehendeu a gravidade do momento que passamos. Chorei de contentamento quando vi partir esses bravos, alegres, confiantes na victoria e nos destinos desta Patria, pela qual vão derramar o seu sangue, não pensando sequer que muitos não voltarão a pisar este abençoado torrão.

E é nesta hora de sacrificio que a *fina flor* academica de Coimbra dá o exemplo da traição e da cobardia. Ha estudos les que fogem (muitos sejam para sempre!) e esse gesto do renegado e olhado com simpatia por estes infames, que exclamam: fizeram muito bem; nós faziamos o mesmo! E' isto o que se ouve dessas bocas, que não emudecem para sempre quando proferem taes palavras.

E que medidas toma o governo? Nenhuma. E' até provavel que já esteja na forja alguma amnistia para os que fugirem.

Bem diz V. Ex.ª que foi este o paiz que Offenhach descreveu na sua Gran Duquesa de Gerolstein. Mas nós, os patriotas, temos o dever de protestar sempre contra tanta infamia, até que os altos poderes se dignem ouvir-nos.

O governo permitiu que medicos sem escrúpulos (até me dá vontade de lhes citar os nomes) isentassem toda a gente engrapada e agora ainda permite que esses mesmos que foram isentos escarneçam os que partem. Os officiaes que constituam as juntas não procediam de melhor forma. Se os proprios reinsepções lhes entregavam as cartilhas dos compadres! A consequencia foi ficarem apurados apenas os desprotegidos e assim é que nós só vemos mulheres do campo a despedirem-se dos soldados. Não pode ser. Façam a esses medicos e officiaes o mesmo que lhe fizeram na Italia e na França e subentam todos os isentos a novas reinsepções. Mas essas reinsepções devem ser rigorosas e por medicos que não se vendam nem se entrem perante os caticues locais. O senhor ministro da guerra deve nomear officiaes para essas juntas só os que lhe offerecerem a garantia de que serão feitas justas a todos. E' melhor que funcionem menos juntas, mas constituidas por gente de vergonha e de caracter.

O que se observou pelo paiz fóra foi uma verdadeira miseria moral. Praticaram-se injustiças revoltantes e em qualquer outro paiz seriam punidas rigorosamente.

Bu, nem sei como os militares não se recusaram a marchar sem ver incorporados os *fidalgos* da terra! Venham, pois, novas reinsepções, que eu quero ver partir para a guerra, ou fugir vergonhosamente para o estrangeiro, estes moços canhas que frequentam esta Universidade e que cospem contra a Patria toda a bala do seu odio á Republica. Viva Portugal!

N'outra carta, publicada na secção *Propaganda Nacional*, accusam-se de exaggerados os nossos informadores. A tendencia nacional é um pouco para o exaggero, na verdade. Entretanto, só não conformes as informações que de *todas as origens* nos chegam de Coimbra, al gumas de pessoas auctorizadasissimas, de toda a respeitabilidade e da nossa maior confiança, que, no conjunto, não pode haver exaggero nem erro de informação no que tem sido aqui publicado. Haveria um outro erro de *facto*, e esses houve-os, com effeito. E, natural, por exemplo, quem conta um conto sempre lhe acrescenta um ponto, é do proverbio, *que até hoje* só houvesse desertado um *afinado* da Academia, e que d'esse *um* fizessem logo tres ou quatro. O mesmo succedeu em Aveiro. Aqui me vieram dizer, á esta redacção, quando infantaria 24 estava para partir, que faltavam *150 soldados*. Afinal faltou só um aspirante, que, por signal, era bacharel formado, e sahido de Coimbra ha muito pouco tempo. Logo ser um bacharel formado é *unico* a falar, e sahido recentemente de Coimbra é má sina! Pode, pois, haver um outro erro de facto. Mas o espirito da Academia, e isso é que importa, tem sido fielmente retratado.

A Universidade de Coimbra, *traição* de *ignominia* n'este periodo, tão grave, tão importante, tão decisivo para o futuro do paiz. Ha de arrastar na historia essa grilheta. A Universidade é toda a Academia. No Lyceu reina o espirito germanophilo, portanto *traição*, attentorio da independencia nacional e da integridade da terra portuguesa, insultoso para a nossa honra, offensivo da nossa historia, que reina no ensino superior. Foi sempre nas escolas que se encarnou a alma nacional, para vibrar, nos momentos graves e solemnes, de enthusiasmo de patriotismo, de abnegação e sacrificio. Agora só se ouviam nas escolas portuguesas, e sobretudo em Coimbra, gritos de *traição*, de *maldição* contra os que tomaram a peito salvar d'um naufragio certo a nacionalidade já quasi negranda, de *precês ignominiosas*, *negras de infamia*, a favor do inimigo.

Miseraveis, gritará a historia aos seculos sem fim! *Miseraveis*, digo eu desde este instante, denunciando-os, com a indignação da sinceridade de que sempre dei provas, aos historiadores futuros.

Se o poder estivesse na minha mão eu os ensinaria. Pelo menos, expulsava das cathedras a vassourada os professores caracteristicamente germanophilos, varrendo esse lixo. Ou então vin buscar ás tradições, já que elles são apostolos da tradição, as faanhas de bronze de nossos avós, para sobre ellas fabricar as vergas da justiça com que, amarrados semi-nús ao pelourinho dos tidignos, os faria acotitar na praça publica.

O auctor da carta acima publicada tem muita razão no que diz sobre isentos e desertores. Contra essas isenções clamei eu aqui, em nuneos seguidos.

